

**REI GELADO, CORPO SEM ÓRGÃO, CORPO ESQUIZO-CARNAVALIZADO:
DIÁLOGOS SOBRE LOUCURA ENTRE DELEUZE E BAKHTIN**

**ICE KING, BODY WITHOUT ORGANS, SCHIZO-CARNIVALIZED BODY
DIALOGS ON MADNESS BETWEEN DELEUZE AND BAKHTIN**

Gabriel Félix de Alcântara¹

RESUMO

O Rei Gelado é um personagem instável de Ooo em Hora de Aventura. Sua relação com todo o universo, mesmo este tão colorido e divertido, parece fragmentada e dificultada, em especial por sua mente, que ora parece atuar numa programação muito caótica e específica, ora se perde em lacunas de memórias. Nesse cenário de incerteza, o personagem se mostra louco e isso abre um caminho para entender: o que é um Rei Gelado? O que tem de relação com sua loucura e a luta pela vida? Quando compreendemos a existência de Simon, a primeira vida de Rei Gelado, também revela uma relação de paternidade com Marceline, a vampira-demônia-punk recorrente da série. Esse vínculo expande nossa compreensão do personagem e nos empurra para uma leitura de uma revolução-loucura que passa pela destituição dos poderes sobre o corpo, que se utiliza da carnavalização. Este artigo tem como objetivo interpretar a construção do personagem Rei Gelado enquanto figura esquizo-carnavalizada (união da carnavalização com o corpo esquizo), a partir de análise filosófica e hermenêutica narrativo-cultural, fundamentada em Bakhtin, Artaud, Deleuze e Guattari. Especificamente, utilizamos a ideologia de Bakhtin sobre o Carnaval e o Corpo sem órgãos, formulado pelo escritor e revolucionário-louco Antonin Artaud e teorizado por Gilles Deleuze e Félix Guattari. Nosso objetivo é compreender as relações do corpo louco como forma de sobreviver em meio ao processo desumanizador. Por essa razão, o papel de Rei Gelado em Hora de Aventura é muito pertinente, pois demonstra um corpo tensionado ao máximo de suas capacidades mentais e físicas perante um mundo que se reconstruiu carnavalizado em seu pós-apocalipse.

Palavras-chave: Rei Gelado; loucura; revolução; corpo sem órgãos.

¹Mestrando em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) (2024 - 2026), Rio de Janeiro - RJ. Graduado em Literatura (2021) e Edição (2022) pela UFMG, Belo Horizonte – Minas Gerais. Brasil. E-mail: fxalcant@gmail.com

ABSTRACT

The Ice King is an unstable character from Ooo in Adventure Time. His relationship with the entire universe, even this one so colorful and fun, seems fragmented and hindered, especially due to his mind, which sometimes appears to operate in a very chaotic and specific programming, and at other times gets lost in memory gaps. In this uncertain scenario, the character appears mad, and this opens a path to understanding: what is an Ice King? What is the connection between his madness and the struggle for life? When we understand Simon's existence, the first life of Ice King, it also reveals a paternal relationship with Marceline, the recurring punk-demon-vampire of the series. This bond expands our understanding of the character and pushes us toward a reading of a revolution-madness that involves the destitution of powers over the body, utilizing carnivalization. This article aims to interpret the construction of the character Ice King as a schizo-carnivalized figure (the union of carnivalization with the schizo body), based on philosophical and narrative-cultural hermeneutic analysis, grounded in Bakhtin, Artaud, Deleuze, and Guattari. Specifically, we use Bakhtin's ideology on Carnival and the Body without Organs, formulated by the writer and revolutionary-madman Antonin Artaud and theorized by Gilles Deleuze and Félix Guattari. Our goal is to understand the relationships of the mad body as a way to survive amidst the dehumanizing process. For this reason, the role of Ice King in Adventure Time is very pertinent, as it demonstrates a body strained to the maximum of its mental and physical capacities in a world that has been carnivalized in its post-apocalypse.

Key words: Ice King; madness; revolution; body without organs.

Artigo recebido em: 25/03/2025

Artigo aprovado em: 23/11/2025

Artigo publicado em: 15/12/2025

Doi: <https://doi.org/10.24302/prof.v12.5898>

Se, apesar de tudo, ainda houver ranzinhas
e descontentes, que ao menos observem
como é bonito e vantajoso ser acusado de
loucura.

- Erasmo de Rotterdam

Times is out of joint.

- Shakespeare

INTRODUÇÃO AO MUNDO DE OOO

“Me perdoe pelo que possa fazer / quando não lembrar de você” (HORA DE AVENTURA, 2013, s4e25). Esses são os versos finais de uma das músicas do cartoon Hora de Aventura. Soltas deste modo, podem representar muito ou talvez nada, como tudo nessa história. É um universo complexo, político e filosófico. Não há como dissociar algumas questões do mundo real, ainda que, ao mesmo tempo, seja difícil compreender a potencialidade de um mundo além dos limites da lógica.

Hora de Aventura é uma animação da Cartoon Network,² criada por Pendleton Ward em 2013, e conta a história de Finn, o único humano da terra de Ooo, e seu irmão cão Jake. Ambos são guerreiros e cavaleiros deste mundo e lutam contra as mais absurdas situações, entre Lich e deuses do mal.

Apesar dessas ameaças reais, eles têm como vilão mais recorrente o bobo Rei Gelado.

O mundo de Ooo é um mundo carnavalizado, isto é, um mundo às avessas. Todas as regras, mesmo as da ciência, se inverteram após as guerras atômicas. A magia e a ciência se uniram e criaturas grotescas surgiram. Neste mundo, há reino doce, reino de criaturas roxas encaroçadas, reino de café da manhã, reino de fogos e deserto de gelo. E muitas princesas sem qualquer poder político real.

O mundo infinito das formas e manifestações do riso opunha-se à cultura oficial, ao tom sério, religioso e feudal da época. Dentro da sua diversidade, essas formas e manifestações - as festas públicas carnavalescas, os ritos e cultos cômicos especiais, os bufões e tolos, gigantes, anões e monstros, palhaços de diversos estilos e categorias, a literatura paródica, vasta e multiforme, etc. - possuem uma unidade de estilo e constituem partes e parcelas da cultura cômica popular, principalmente da cultura carnavalesca, una e indivisível (Bakhtin, 1996, p.3-4).

² Atualmente, podem ser encontrados alguns episódios nos streamings Netflix e também no Max, que detém os direitos da série.

Tudo, a priori, é regido a partir de uma enorme festa. Nada é realmente palpável. Há muita cor, risos, divertimento. Tudo no mais extremo Carnaval. Nas primeiras temporadas, o mais próximo de poder que vemos é a Princesa Jujuba, a criadora do reino doce. Criadora, no sentido literal, pois ela foi a mãe de todos os cidadãos. E ela os controla ao extremo.

Tudo neste desenho é feito para mascarar algo. Afinal, a máscara é parte fundamental do Carnaval. A máscara grotesca e a máscara do vilão escondem um mundo atrás da loucura. Existem duas loucuras, afinal?

A máscara traduz a alegria das alternâncias e das reencarnações, a alegre relatividade, a alegre negação da identidade e do sentido único, a negação da coincidência estúpida consigo mesmo; a máscara é a expressão das transferências, das metamorfoses, das violações das fronteiras naturais, da ridicularização, dos apelidos; a máscara encarna o princípio de jogo da vida, está baseada numa peculiar inter-relação da realidade e da imagem, característica das formas mais antigas dos ritos e espetáculos. O complexo simbolismo das máscaras é inesgotável. Basta lembrar que manifestações como a paródia, a caricatura, a careta, as contorções e as 'macaquices' são derivadas da máscara. É na máscara que se revela com clareza a essência profunda do grotesco (Bakhtin, 1996, p. 35).

Figura 1 – Ice Thing – episódio 13, temporada 10



Fonte: Cartoon Network, Warner

A representação do mundo de Ooo é extremamente bakhtiniana, mas esconde algo. E a resposta está um (ou dois) personagem: Rei Gelado (Ice King) / Simon Petrikov.

Na primeira aparição do Rei Gelado, somos apresentados a um bufão. Ele é o rei de um reino com poucos habitantes: apenas seus pinguins, alguns golens de gelo e outras criaturas de gelo criadas pela magia. Seu nariz é pontudo e longo, assim como sua barba e seus cabelos, ambos brancos. Sua pele azul é grotesca e feia. Para Bakhtin, o nariz grotesco é uma representação do falo (BAKHTIN, 1996, p. 276), mas falta um controle para o Rei Gelado.³ Ele é um corpo mágico, é verdade, mas seu poder está enfraquecido. Digo poder não no sentido de sua magia, mas de seu domínio sobre seu corpo. Rei Gelado é completamente insano, ele não é dotado de poder. Na realidade, parece que ele mimetiza algo; mais à frente, descobre-se que o primeiro Rei Gelado era um garoto-dinossauro chamado Gunther, que sofria maus-tratos de seu mestre Evergreen (24º episódio da 6ª temporada). A coroa é um constructo que manifesta o maior desejo de seu portador. Simon queria ter poder para salvar sua filha do apocalipse. Assim como Gunther queria ser Evergreen e manifestou em poder todo o ódio que seu pai / mestre ausente tinha sobre a figura de um Gunther-espantalho. Curiosamente, não muito, Rei Gelado é líder de um pinguim com este mesmo nome e reproduz a mesma violência nele. Mais à frente, descobre-se que o Pinguim Gunther é a figura mais maligna de todas, mas, quando ele coloca a coroa, seu desejo é apenas ser o Rei Gelado. Então se torna a Coisa de Gelo, uma barba voadora com nariz parecendo do antigo dono da coroa (imagem acima). Um ciclo infinito de violência e loucura.

Mas o nosso Rei Gelado / Simon é uma figura cômica. Seu propósito é sequestrar princesas e levá-las para seu castelo para se casar com elas. Pode-se pensar no absurdo de um homem idoso sequestrando princesas, exceto pelo fato de que o Rei Gelado não

³ O falo pode ser uma representação do pênis, mas, de forma ampla, é uma representação do poder (sobretudo masculino) sobre outros corpos.

sabe o que se faz depois de casar. Ela é vazia de qualquer relação humana, ele não compreende o que é amar, desejar⁴. Seu grande feito é prender as princesas e tocar suas músicas desafinadas para elas. Porque ele está quebrado. Ele é o Rei Gelado, um louco preso em um castelo de gelo.

É cômico pensar que ele é rei pelo mesmo motivo de um Rei Momo,

O destronamento carnavalesco acompanhado de golpes e de injúrias é também um rebaixamento e um sepultamento. No bufão, todos os atributos reais estão subvertidos, intervertidos, o alto no lugar do baixo: o bufão é o rei do 'mundo às avessas' (Bakhtin, 1996, p. 325).

Mas quem foi destronado? Quem se esconde atrás da máscara de Rei Gelado?

Só vamos ouvir o nome de Simon no episódio 25 da quarta temporada, em que Marceline, sua filha adotiva, irrita-se por ele não se lembrar dela e o chama de Simon.

Esta é a grande virada do Rei Gelado. Ali não conseguimos mais achar graça, porque há uma intenção de livrar da dor. O Rei Gelado é uma máscara de fato, mas não porque não quer saber a verdade no mundo. É, além disso, uma construção de uma defesa estruturada para proteger o corpo da violência sistêmica. Simon se perdeu no medo de perder sua filha.

Rei Gelado vê o mundo distorcido, todos são seus amigos e seus ritos de sequestro de princesas são apenas brincadeiras de uma criança mágica. Ele não entende a gravidade e muito menos as relações de poder, porque o poder já foi destruído em sua mente. Um exemplo está em como ele enxerga seus inimigos, Finn, o humano, e Jake, o cão, como amigos. Rei Gelado não é uma figura maliciosa ou perigosa, ele é de fato um Rei Momo e é constantemente destronado.

⁴ Schöpke pontua algo muito interessante quando discute o corpo sem órgão vazio ao dizer: "O que ocorre é que tais corpos já são o efeito de uma mutilação da vida; eles são o resultado de uma moral tirânica que faz cindir o próprio ser, enquanto encurrala o desejo de todas as maneiras, até que ele seja vivido como um segredo sujo e pecaminoso. Como diz Nietzsche, a moral corrompe a vida. É porque o desejo não é vivido naturalmente que ele se perverte e destrói o corpo ao invés de potencializá-lo. É assim que a moral tem criado homens partidos, consciências tristes ou hipócritas; e o fato é que ainda não saímos da moral enquanto não criamos novas maneiras de ser, de sentir e de viver" (Schöpke, 2017, p. 298) Seria o Rei Gelado um CsO vazio? Há muitos fatores a analisar antes.

Figura 2 – Me lembrar de você - episódio 25, temporada 4



Fonte: Cartoon Network, Warner

O corpo de Rei Gelado é violado pelos micropoderes que se estabeleceram em Ooo, mas, antes mesmo disso, já foi marcado de dor e medo. O Simon que conhecemos no futuro é um personagem fragmentado, por vezes depressivo e niilista. Rei Gelado, no entanto, é alegre, bobo e completamente esquizoide. O corpo de Simon luta para se lembrar, mas ele não se une à lembrança o sentimento que tem por Marceline. “As leis e os costumes vos concedem o direito de medir o espírito. Essa jurisdição soberana e temível é exercida com vossa razão. Deixai-nos rir” (Artaud, 2015).

Aqui, trabalhamos com a relação entre duas loucuras: a loucura carnavalizada como uma loucura política que fortalece o Corpo sem Órgãos,⁵ uma loucura bakhtiniana e outra deleuze-guattariana que se entrelaçam. É possível pensar que, nessa relação de loucura como antipoder, há uma libertação? E mais do que isso: a loucura pura do carnaval é a motriz necessária para se fazer um corpo sem órgãos? É fundamental compreendermos que estamos falando de ideologia e não de uma manifestação cultural múltipla como o Carnaval. A evocação dessa festividade-Carnaval está no caminho político-ideológico e não histórico, de modo que não tem

⁵ “O corpo sem órgãos (CsO) é o corpo da experiência, com suas próprias forças. É o corpo livre da interpretação e do juízo que nos impedem novos modos de vida e organizam os corpos. O CsO não se opõe aos órgãos do corpo, mas sim ao corpo organismo enquanto “organização orgânica dos órgãos” (Deleuze; Guattari, 1980/2004, p. 21). Sem o aprisionamento em um corpo organicamente organizado, podemos nos abrir ao fluxo, ao devir, à intensidade, à experimentação de nós mesmos. Criar para si um CsO é se deixar atravessar por uma poderosa vitalidade não-orgânica (Deleuze, 1997).” (Resende, 2008, p. 68).

pretensão de refutar qualquer teoria de um carnaval enquanto festa. Dentro desse caminho, é possível enxergar pelos olhos do Rei Gelado?

A construção narrativa do Rei Gelado é frutífera para a crítica de arte, pois é longa e seriada, de modo que muitos elementos vão se encaixando em torno do universo (e por que não dos multiversos e suas inúmeras possibilidades de leituras e de Reis e Rainhas Gelados?) de Ooo. Essa possibilidade deixa o corpo do Rei Gelado muito menos suscetível à arbitrariedade do tempo e nos permite enxergar amplas relações ao longo do seu percurso louco.

Deste modo, este artigo propõe analisar o corpo de Rei Gelado de Hora de Aventura como um corpo louco, mas igualmente um corpo de proteção. Para tanto, primeiramente apresentamos no enquadramento teórico a teoria de Mikhail Bakhtin sobre carnaval, que será parte fundamental para entender a função desse tipo de humor-político.⁶ Ainda neste primeiro momento, algumas leituras de loucura aparecem rapidamente, pois, diferente dos estigmas comuns, o Louco é o ser necessário e criativo perante um sistema violento. E, por fim, articulamos o que foi dito anteriormente, acrescenta-se o rigor filosófico de Deleuze⁷ e Guattari⁸ sobre um conceito criado por Antonin Artaud,⁹ Corpo sem órgãos.

A metodologia deste trabalho consiste em análise hermenêutica-interpretativa de episódios selecionados da série Hora de Aventura, privilegiando cenas que revelam a constituição psíquico-simbólica do Rei Gelado e suas implicações no campo da carnavalização e do Corpo sem Órgãos.

Em alguns momentos, opta-se por uma linguagem mais coloquial e ensaística do texto, em prol de uma aproximação com o tópico discutido, não sendo assim um

⁶ Mikhail Mikháilovitch Bakhtin foi crítico literário, historiador e linguista russo. Nascido em 1885 em Oriol, morreu em Moscou em 1975.

⁷ Gilles Deleuze foi um filósofo francês nascido em 1925. Sua contribuição para a filosofia e a psicologia rendeu a área de esquizoanálise, criada junto a autores como Felix Guattari.

⁸ Félix Guattari foi escritor, filósofo, psiquiatra, psicólogo, semiólogo francês, trabalhou junto com Deleuze em textos clássicos da filosofia como Anti-Édipo e Mil Platô.

⁹ Antoine Marie Joseph Artaud foi ator, escritor, roteirista, crítico francês. Nascido em 1896, Artaud teve uma vida marcada por violências sistêmicas vindas das políticas de encarceramento do corpo louco. Morreu em 1948.

equivoco ou um deslize, mas um aceno para um personagem que não clama por uma padronização e, ao contrário, luta para ser livre. O texto apresenta muitas citações e diálogos, pautados exclusivamente numa compreensão do que é ser louco; deste modo, até o caminho caótico de diálogos é parte estética do texto. Rei Gelado é um corpo que demanda pensar sobre, mas, além disso, vivenciar, porque “durante o carnaval é a própria vida que representa e interpreta. [...] Aqui a forma efetiva da vida é ao mesmo tempo sua forma ideal ressuscitada” (Bakhtin, 1996, p. 7).

O CARNAVAL SEM FIM

Pode o louco ser feliz?

Quando Bakhtin teorizou um carnaval, abriu a possibilidade de compreendermos a loucura e a política ao mesmo tempo. Isso, porque ser louco no mundo normativo é ter os direitos básicos violados: da liberdade de ir e vir ao ato de conviver com outras pessoas. Como muito bem sintetizado por Artaud: deixe-nos rir, porque o riso do louco é uma política anarquista. Seu papel destrona reis. Essa é a força do Carnaval de Bakhtin. Algo mais ideológico do que prático. O Carnaval, enquanto festa, segue regras sociológicas e antropológicas para além do que Bakhtin teorizava; havia mais instinto de revolução na teoria. E não para menos, construiu um esquizo-espaço¹⁰ de construções disruptivas e para além dos limites da compreensão humana: o grotesco; pois não se festeja o Carnaval, se vive:

A segunda vida, o segundo mundo da cultura popular constrói-se de certa forma como paródia da vida ordinária, como um ‘mundo ao revés’. E: preciso assinalar, contudo, que a paródia carnavalesca está muito distante da paródia moderna puramente negativa e formal; com efeito, mesmo negando, aquela

¹⁰: “O esquizo é alguém descodificado, desterritorializado” (Deleuze, 1992, p. 35), é alguém que perdeu seus limites, seus contornos, é alguém que se abriu para “o fora”. Não se pode dizer que o revolucionário seja um esquizo, mas que existe um processo esquizo na medida em que o nomadismo consiste exatamente numa contínua desterritorialização e reterritorialização. Aliás, é nisso que consiste efetivamente pensar: é estar sempre neste movimento, não sendo o dogmatismo nada além do que a própria sedentarização do pensamento (Schöpke, 2017, p. 288).

ressuscita e renova ao mesmo tempo. A negação pura e simples é quase sempre alheia à cultura popular (Bakhtin, 1996, p. 10).

O corpo de Rei Gelado é posto sobre um mundo caótico. Ele podia ser mais uma criatura colorida e estranha dali, mas não é. Ele, sim, é um corpo em esquizo-carnavalização. É interessante pensar que o esquizo, diferente do que se espera, não apresenta aqui um papel de desconexo e sem capacidade, mas sim um corpo que se protege do sistema, o que vai ao encontro do Carnaval, em que uma segunda vida se formula para sobreviver à violência do poder. Então, o Esquizo-Carnavalizado é o corpo que se armou de revolução; ele não segue os padrões sociais impostos, pois sua relação com o social é regida pela Carnavalização, ou seja, a total falta de respeito aos padrões morais.

Deve ficar claro que, para além disso, há algo que o força a ser esquizo,¹¹ ou seja, que o força a revolucionar. Há algo no âmbito normal.

É bizarro pensar nessas questões, porque precisamos inverter o que fomos ensinados; o normal é o errado aqui. Ele é o poder regulador, que engole as diferenças, padronizando-as. As que não são absorvidas são estigmatizadas. Não há cura para o Rei Gelado, porque não há erro. Ele é um corpo gélido feito para se proteger do normal, como maravilhosamente Rosa Montero¹² descreve em seu livro *O perigo de estar lúcida*: “Na verdade, o que é realmente estranho é ser normal” (Montero, 2023, p. 9).

Precisamos compreender, então, o que é normal. Tudo aquilo que está no poder, isto é, que dita as diretrizes do “padrão” é “normal”. Podemos chamar de muitas coisas: deus, patriarcado, herói. Mas isso não é uma massa tão homogênea quanto

¹¹ Uma definição tanto interessante desse corpo esquizo está em Laing, um psiquiatra, quando diz: “o termo esquizóide refere-se ao indivíduo cuja totalidade de referência divide-se em dois principais sentidos: em primeiro lugar, uma ruptura em seu relacionamento com o mundo e, em segundo, uma ruptura na relação consigo mesmo.” (Laing, 1973, p. 15) O autor se mantém dizendo que essas rupturas geram experiências de solidão e isolamento e também um sentimento de incompletude, como se a mente e o corpo se estabelecessem muito vagamente. É claro que isso é um pensamento bem interessante e um tanto diferente de uma patologização, pois foca na existência, mas, ao mesmo tempo, se nega a entender o louco enquanto revolução. Ele usa a palavra-chave para revolução, mas retorna ao estado do sofrimento.

¹² Rosa Montero Gayo é jornalista e escritora espanhola (1951 -).

deseja parecer; há problemas dentro da normalidade, pois nada é normal.¹³ Se nada é normal, então o que estamos lidando? Com ficção. É sempre ficção sobre os corpos. Os nossos e os deles. Aquilo que foge do desejo deles, escondem nos porões. Matam. Patologizam.

É mais fácil lidar com um louco se ele está amarrado do que pensando. O perigo de esquizo-revolucionários, como Artaud, é nítido. Ele pode ser delirante, mas é exatamente isso que o torna ainda mais perigoso; seu delírio gera questionamentos sociais e hierárquicos.

O patológico existe; seria uma tolice alguém dizer que ninguém sofre com a doença mental. Ela é densa. Sem remédio, nossas emoções oscilam e machucam, às vezes a gente, às vezes o outro.¹⁴ A culpa e a paranoia são parte de uma doença mental. Mas remédios, que ajudam (e muito), podem e são usados para apagar a singularidade do louco. Mas a loucura não é isso. A loucura está longe disso. Ela é a parte que protege. Ela é construtora de realidade.

Quando o corpo expulsa os órgãos (Deleuze; Guattari, 1996, p. 14 - 15), ele necessita se refazer constantemente. Um corpo sem órgãos não vive plenamente sem se reconstituir, mas também se recriar intensa e repetidamente.

Ele não se estabelece como sistema justamente por ser um contrassistema. Ele está oposto à organização violenta dos órgãos e isso significa ser contra as áreas patologizadoras da “ciência”, que não apenas coisifica o corpo louco, mas gera um

¹³ A saída é o Corpo sem Órgãos, como descreve Resende: “Quando dependemos do organismo, estamos presos a padrões estabelecidos pela sociedade, ficamos vulneráveis a censuras, repressões, regras, interpretações e automatismos. O CsO é o oposto disso, ele não reprime os impulsos, pertence a uma conexão de desejos, a uma conjunção de fluxos; acontece por intensidades que estão associadas à vitalidade e à existência enquanto criação contínua. O CsO não é um não-corpo, mas um corpo instituinte” (Resende, 2008, p. 69). Apesar disso, a autora continua afirmando a necessidade de precaução, visto que pode acarretar desequilíbrios como drogas. Ela comenta sobre masoquismo, mas este está no âmbito do prazer e não do desequilíbrio fisiológico. Em geral, há um perigo de se perder todos os laços com o mundo; pode-se ter uma “overdose” de estratificação (Resende, 2008, p. 73).

¹⁴“Superei os três períodos de crise de pânico com a cara e a coragem, sem tomar um só ansiolítico, algo que lamento (viva a química!)”. (Montero, 2023, p. 14).

apagão moral em que não importa se o louco é agredido, é xingado, se está feliz ou triste.

Não há nada para se curar na loucura, e sim cultivar.

Os sistemas encarceradores e desumanizadores não são eficientes para livrar o mundo da loucura, porque tudo que é criativo é regido por devir e pela loucura.

Isso não é um delírio, logo Deleuze e Guattari podem sustentar. Mesmo que essa esquizUtopia seja um passo além do limite. A esquizo-carnavalização, diferente da carnavalização, não tem fim. Isso é uma maldição, é claro, mas é uma beleza. Não se trata de um ator fazer um Pierrô apaixonado, mas de um corpo alegre e gay (no sentido original), louco no estado mais puro. Quase tudo para ele é criação e felicidade. Quase, porque sua própria existência demanda uma ruptura.

Quando Simon se viu perdido no fim da guerra atômica que destruiu o mundo, conheceu sua filha perdida e chorando. No ímpeto de protegê-la, foi criando uma face ilógica, que se afastava rapidamente do normal. Não queria assustar Marcy (ou Marceline), mesmo que ele soubesse que era inevitável. O medo de perdê-la rompeu o laço, tornando-o imortal, ao mesmo tempo que imoral.

O que não significa que Simon era um “chato” e o Rei Gelado o melhorou. No episódio 14 da 5ª temporada, Marceline conta sua história com Simon para Finn, Jake e Rei Gelado. Em uma lembrança, há o seguinte diálogo:

— Olhe só... uma fita VHS – Simon – Quer ver um filme?

— Sim – Marceline.

(os dois olham a fita em silêncio)

— Cara, que filme chato. – Simon – Eu prefiro o livro (Hora de Aventura, 2013, s5e14).

Imagem 3 – “Simon & Marcy” - 14º episódio da 5ª temporada



Fonte: Cartoon Network, Warner

Como no Carnaval da Idade Média: a miséria, a escassez e a desigualdade precisam ser suprimidas temporariamente para que o corpo não enlouquecesse de vez. Ou talvez não suprimidas, mas vingadas (Bakhtin, 1996, p. 232) para que esses “pobres diabos” violem propriedades, ataquem pessoas. Tudo isso parece uma barbárie sem sentido, mas não é. É um mecanismo desejante, que lembra que o corpo ultrajado do miserável e do louco ainda é corpo.

Pouco mais à frente, no mesmo episódio citado acima, Marceline acorda muito adoentada e Simon corre até a cidade deserta para conseguir uma canja de galinha para a menina-demônio. Quando se depara com a dificuldade de entrar no estabelecimento, ele quebra o vidro com uma cadeira e diz: “vandalismo é errado, Marcy” (Hora de Aventura, 2013, s5e14). Há duas leituras nisso: é um pai fazendo errado pelo bem da filha. Mas há também o humor da ironia apresentada. Essa é a complexidade do Rei Gelado e do Simon. Há uma área cinzenta e muito profunda em sua moralidade.

Simon é a parte dor de Rei Gelado. É verdade que o mago também chora e se queixa, mas é como uma criança. Ele não sabe por que está triste. Ele não compreende seus limites, até porque não tem a menor noção de quem é Simon Petrikov. A coroa desterritorializa Simon, e o Rei Gelado é a loucura política-anárquica que veio para

salvar o corpo de Simon. Ele nunca sobreviveria. Ele sofre, porque é a parte patologizada dos dois, enquanto o Rei Gelado é a máscara que sorri sempre. A prova disso está no fim do capítulo 14, quando Marcy e Rei Gelado conversam enquanto jogam basquete com Finn e Jake:

- E o que acontece depois? Como terminam? – Rei Gelado.
- Bem, a pequena Marcy se sentiu bem melhor. – Marceline. – E ela e Simon viveram felizes para sempre.
- Que legal. – Rei Gelado. – Marceline, continue contando histórias para eles enquanto eu faço várias cestas (Hora de Aventura, 2013, s5e14).

Uma das pessoas mais brilhantemente insanas que pensou a loucura foi Erasmo de Roterdã.¹⁵ Numa construção extremamente cômica e carnalizada, o autor confunde leitores sobre o livro *Elogio à loucura* ser uma sátira ou não, algo que ele rechaça, afirmando ser sincero. Ele encarna a figura de uma deusa louca e pensa a loucura como uma construção bela e benéfica. Um reino em que a tristeza e a lógica não podem imperar. Porque, segundo ela, os loucos bebem do Lete, o rio do esquecimento, pois a loucura reside na (no devir) criança¹⁶:

Perguntar-me-eis, sem dúvida, como o consigo. Da seguinte forma: levo essas caducas cabeças ao nosso Letes (porque, entre parênteses, sabeis que esse rio tem sua nascente nas ilhas Fortunadas e que um seu pequeno afluente corre nas proximidades do Averno) e faço-as beber a grandes goles a água do Esquecimento. E é assim que dissipam insensivelmente as suas mágoas e

¹⁵ Erasmo de Roterdã foi teólogo e filósofo nascido na Suíça em 1536.

¹⁶ “Não se trata de uma lembrança do passado, da infância histórica, pois não se atinge nenhum devir pela memória que lembra, que vai do adulto à criança, da mulher à criança. O devir é uma 'antimemória', ele passa entre os pontos: memória histórica – lembranças de infância. Para Deleuze e Guattari, devir-criança implica constituir um bloco assimétrico com uma criança (virtual), um bloco de infância. Devir-criança é ser contagiado por partículas de uma infância que não é a da história, mas sim uma infância do mundo, que não tem forma (adulto-criança, Menino-menina), nem sujeito e objeto, nem reconhecimento, nem consciência, nem lembrança de infância, mas a pura intensidade de um sentido. Por isso, quando Deleuze e Guattari priorizam a dimensão dos devires, em detrimento das formas e identidades, e os enunciam, seja um devir-animal, devir-mulher, devir-criança, não se trata do devir 'do' animal, 'da' mulher, 'da' criança. Um devir permite colocar em variação essas entidades molares e engendra a criação de uma mulher molecular, de uma criança molecular, de um animal molecular que em nada se parecem com o animal que anda, corre, se alimenta; nada muda efetivamente no animal, na mulher ou na criança molar. É aquele que devém que entra em uma zona de indiscernibilidade e faz vizinhança com um animal, extraindo traços de um animal, de uma mulher, de uma criança, os quais são experimentados no próprio corpo em intensidade e expressos nas posturas, movimentos, pensamentos, percepções” (Noffke, 2019, p. 13 - 14).

recuperam a juventude. Alegar-se-á, contudo, que deliram e enlouquecem: pois é isso mesmo, justamente nisso consiste o tornar a ser criança. O delírio e a loucura não serão, talvez, próprios das crianças? Que é que, a vosso ver, mais agrada nas crianças? A falta de juízo (Erasmus, 2002, p. 17 - 18).

Essa loucura de Erasmus não está nem um pouco longe de Deleuze e Guattari (2010), também não está longe de nosso esquizo-carnavalizado. Essa falta de juízo que ele clama está na construção estética, na originalidade e no caos criador. Essas loucuras múltiplas, diferentes da patologia que prende o corpo a definições e químicas fechadas. Suas faces são infinitas, porque estamos lidando com um corpo não-limite, um corpo que não responde ao sistema, afinal não tem órgãos. Ele só responde a si, o devir-louco (criança) e a máquina paranóica (Deleuze; Guattari, 2010, p. 21), que é necessário para estratificar e recomençar o processo de ultrapassar os limites do corpo sem órgãos. Ou seja, ele é um moto-contínuo. Uma loucura autogeradora, porque ele constrói seu mundo. Ele enxerga o normalizado, mas a seu modo. Por exemplo, quando Rei Gelado sequestra princesas porque ele acha que isso é o papel de Rei Gelado, ele apanha de Finn e Jake. E então... Ele acha que são amigos dele. Rei Gelado não compreende as regras do mundo em que está seu corpo, porque o seu reino está dentro da sua mente.

É claro que isso tem um preço. O Carnaval morre na quarta-feira de cinzas e assim deve ser por um bem social. Também organizacional. E o importante, pela relevância do mundo. Se ele durasse eternamente, o que seria do Carnaval se não mais um momento qualquer?

Bobagens, o Carnaval não precisa ser regido pelos sistemas opressores. A completa destituição de poderes é funcional e necessária ainda hoje. O único caminho saudável é a revolução e a comicidade para derrubar os tiranos que nos oprimem.

O ideal é o que clama Erasmus: a dor não deve ser o necessário. O sofrimento desejado, principalmente pelo cristianismo, em que ela vai salvar o homem de seus pecados, não deve ser a lógica. Isso é aberrante, mas negamos, moralmente e por lei, compaixão da morte para as pessoas moribundas, negamos a dignidade da loucura

quando elas sofrem. Mas imputamos sem dó para ambos os casos, punições violentas quando convém. Trancafiavam pessoas por loucura, antes em exorcismos, depois em hospícios, hoje em cadeias. Assim como deixam pessoas agonizando nos leitos dos hospitais por uma moral cristã e pessoal, um ato político de controle do corpo.

Erasmus tem razão: esquecer o mundo e criar um novo é a única liberdade possível.

Por tudo isso, observai, senhores, que, quanto mais o homem se afasta de mim, tanto menos goza dos bens da vida, avançando de tal maneira nesse sentido que logo chega à fastidiosa e incômoda velhice, tão insuportável para si como para os outros. E, já que falamos de velhice, não fiquéis aborrecidos se, por um momento, chamo para ela a vossa atenção. Oh! como os homens seriam lastimáveis sem mim, no fim dos seus dias! Mas tenho pena deles e estendo-lhes a mão. Não raro, as divindades poéticas socorrem piedosamente, com o divino segredo da metamorfose, os que estão prestes a morrer: Fetonte transforma-se em cisne, Alcion em pássaro, etc. Também eu, até certo ponto, imito essas benéficas divindades. Quando a trôpega velhice coloca os homens à beira da sepultura, então, na medida do que sei e do que posso, eu os faço de novo meninos. De onde o provérbio: Os velhos são duas vezes crianças (Erasmus, 2002, p. 17).

Rei Gelado, obviamente, bebeu do Lete. Tornou-se um vilão do Carnaval, um Rei Momo que precisa ser destronado vez ou outra. Seu papel de vilania é tão marcado, porque parecia uma atuação, sabemos que não é, piora quando olhamos a Terra de Ooo, tão carnavalizada quanto. Uma espécie medieval-futurista e colorida do mundo. Rei Gelado descobre a diversão de chamar a atenção de seus amigos, Finn e Jake, e assim repete seus atos “terríveis” vezes e mais vezes. Ele apanha, é destronado, humilhado, posto de castigo, e ainda assim enxerga seus algozes como bons amigos. Ele está preso numa novela de cavalaria à carnavalesca.

Tudo até “Quando não lembrar de você”. Então vemos que há algo realmente errado em Rei Gelado. Não é sua loucura, essa é linda e pulsante, mas sua falta de afetos e rizomas. O problema real do Carnaval eterno é que se perdem todos os laços.

Mesmo defendendo que a esquizo-carnavalização pode ser eterna e é linda, não há como negar o que Uzêda¹⁷ constatou ao dizer que:

Paradoxalmente – como típico do efeito constantemente promovido pela carnavalização –, a Quarta-feira de Cinzas é, na história do carnaval, sua própria motivação propulsora. Justamente por anteverem-se os 40 dias de reclusão espiritual, nos quais se vivem as mais severas privações de tudo que possa remeter aos prazeres e fruções da vida material, as festas que antecipam sua data, de caráter bastante excessivo, marcam o surgimento do carnaval na Idade Média (Cf. Ferreira: 2004, 25-30) (Uzêda, 2013, p. 97).

Isso se une ao que o psiquiatra Laing¹⁸ diz sobre esquizoides:

O termo esquizoide se refere a um indivíduo cuja totalidade da experiência está dividida de duas maneiras principais: em primeiro lugar, há uma ruptura em sua relação com o mundo e, em segundo, há uma disrupção em sua relação consigo mesmo. Tal pessoa não é capaz de se experienciar “junto com” os outros ou “em casa” no mundo, mas, ao contrário, ela se experimenta em uma solidão desesperada e isolamento; além disso, ela não se vê como uma pessoa completa, mas sim como “dividida” de várias maneiras, talvez como uma mente mais ou menos tenuemente ligada a um corpo, como dois ou mais eus, e assim por diante (Laing, 1990, p. 17)¹⁹.

Há de fato uma ruptura em Rei Gelado, um corpo partido. Mas é realmente fundamental lembrar que o Simon não tinha saída. O Rei Gelado não é uma doença, é uma cura. Laing ainda nos diz que o esquizoide nunca será compreendido se não pensá-lo existencialmente (Laing, 1990, p. 17). Ou seja, um psiquiatra compreende que esse corpo não é só um corpo, ele é um constructo enorme e cheio de questões. Medicá-lo resolve surtos e manias, mas e a mente? Ela precisa florescer linda e criativa ou presa em uma normatividade? Viver é o processo que a loucura busca resolver. É a vida que o louco quer. “Antes de tudo, disse-me: haverá no mundo coisa mais doce e mais

¹⁷ André Luís Mourão de Uzêda, doutor em Letras pela UFRJ, professor EBTB do Colégio de Aplicação da UFRJ, onde leciona Língua Portuguesa e Literatura para turmas do Ensino Fundamental e Médio e orienta estágio curricular obrigatório de estudantes da graduação em Letras.

¹⁸ Ronald David Laing foi psiquiatra inglês nascido em 1927.

¹⁹ “The term schizoid refers to an individual the totality of whose experience is split in two main ways: in the first place, there is a rent in his relation with his world and, in the second, there is a disruption of his relation with himself. Such a person is not able to experience himself 'together with' others or 'at home in' the world, but, on the contrary, he experiences himself in despairing aloneness and isolation; moreover, he does not experience himself as a complete person but rather as 'split' in various ways, perhaps as a mind more or less tenuously linked to a body, as two or more selves, and so on” (Laing, 1990, p. 17).

preciosa do que a vida? E quem, mais do que eu, contribui para a concepção dos mortais?” (Erasmus, 2002, p. 15). E o que o Rei Gelado deu ao Simon? Vida para ver sua filha crescer.

A guerra encarceradora contra a Loucura fez muitas vítimas, inclusive em Barbacena, uma mancha terrível na história. Muitas vezes, nem loucos eram, mas não nos deixavam rir. Não nos viam e não nos veem como humanos, somos aberrantes, somos sujos, mutantes, caricatos e falhas. E somos mesmo isso: “Por definição, é claro, acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano.” (Goffman, 2004, p. 7)²⁰. Somos mais que humanos. Não há espaço para lutar contra a Loucura. A Loucura é nossa mãe e a Revolta, a irmã:

Não admitimos que se freie o livre desenvolvimento de um delírio, tão legítimo e lógico quanto qualquer outra seqüência de idéias e atos humanos. A repressão dos atos anti-sociais é tão ilusória quanto inaceitável no seu fundamento. Todos os atos individuais são anti-sociais. Os loucos são as vítimas individuais por excelência da ditadura social; em nome dessa individualidade intrínseca ao homem, exigimos que sejam soltos esses encarcerados da sensibilidade, pois não está ao alcance das leis prender todos os homens que pensam e agem (Artaud, 2015).

Montero diz que “A ruptura radical de todo vínculo com os outros é simplesmente insuportável” (Montero, 2023, p. 15), e é verdade. O estigma da loucura nos isola e nos machuca, pois o mundo é feito para a norma. Por isso, cada autor aqui foi arquitetado para fugir do normal. É aberrante dar voz aos loucos? Montero, Erasmus e Artaud. Suas visões são diferentes. É verdade que Montero ainda é um corpo machucado e se curando, Artaud é um corpo sem órgãos, mas Erasmus é uma pérola, completamente perdido em um mundo estético e poético. A loucura não é sofrer, sofremos porque nos obrigam. Se não queremos gritar, queima-nos a ferro quente. Se só somos estorvo ou entretenimento, é porque esse não é nosso mundo, é o mundo da normalidade, um mundo chato e desprezível. O nosso é colorido, engraçado e ilógico.

²⁰ Erving Goffman foi um cientista social, antropólogo, sociólogo e escritor canadense. Nasceu em 1922 e morreu em 1982.

Podem nos induzir à depressão. Podem nos induzir ao suicídio, mas não podem parar a loucura.

QUANDO EU NÃO ME LEMBRAR DE VOCÊ

O corpo se constitui de matéria ou ficção? A biologia, assim como outras ciências naturais, caminharia obviamente para a matéria. Não vivemos sem coração. Não vivemos sem cérebro. Mas e sem história? Um corpo é capaz de viver sem história? Sem mentira? Sem arte?

A bem da verdade, o que é preciso para viver?²¹ Podemos pensar que uma pessoa com amnésia ainda vive, mas realmente continua a viver ou ela renasceu? Se ela apenas abandonar a possibilidade de um passado, esse passado sem registro algum existe?

Existe o mundo material, é verdade. Mas o humano só capta e transforma em informação, em signo, o que ele transforma em ficcionalidade. Ele precisa decodificar esse objeto-matéria em objeto-ficção. Os cinco sentidos que aprendemos logo cedo nas escolas são ficcionalizadores por excelência. Deste modo, um ser humano não vive sem um coração, é verdade, mas Homero está mais vivo para mim do que minha tia, de quem não me lembro o nome.

Este é o problema inicial de Rei Gelado no episódio 25 da quarta temporada. Quando parodiou uma música de Marcelline, ele chegou à conclusão de que Marcy é uma artista fantástica e poderia ajudá-lo a compor suas músicas. Porque o corpo sem

²¹ As relações do corpo são múltiplas, elas abarcam tudo que foi dito, do físico ao criativo, mas é neste último que reside nossa compreensão de ser, pois o corpo contemporâneo é uma relação do poder e do saber, como explica Catarina Resende: “Tais estudos nos remetem a uma dimensão da subjetividade derivada do poder e do saber, mas que no entanto deixa de ser correlativa e dependente deles (Deleuze, 1991). Ao deslocar a questão da subjetividade do eixo poder-resistência, podemos criar uma nova relação com o poder, este agora, tomado como correlativo e dependente da liberdade. Nesta dimensão a conquista da liberdade se dá a partir da ética. A reflexão de Foucault nos coloca questões atuais como: “Que fazer de si mesmo?”, ou, “Que trabalho operar sobre si?” (Foucault, 1980-1981/1997, p. 109-110)” (Resende, 2008, p. 66). Ela fala de uma construção de si, mas precisa entender que há muitas formas de poder. Do poder de si até o poder violador do Estado. Da subversão até o Poder divino. Todos são potenciais sujeitadores.

órgãos, como o de Rei Gelado, é iminência de desejo. Ele é um ato urgente de produção, ele excreta para viver (Deleuze; Guattari, 1996, p. 13 - 14). Ele vive a partir da ficcionalização, porque é ela quem dá forma a esse corpo e não os órgãos.

Neste caminho, o Rei Gelado não compreende sua relação com Marceline, porque não há. O passado dele morreu. Ao contrário de Marcy, em que há sim. No episódio 14 da quinta temporada, ela diz que o ama. Existe um resto de rizoma, mas fragmentado, porque o Simon não existe. Ela enxerga no Rei Gelado um espectro. E isso fica óbvio no fragmento que é a mente dele, por exemplo, quando pega um diário e diz: “— Muita coisa emocionalmente poderosa aqui. Ainda está molhado de lágrimas. Vou pegar um pouco disso para inspiração lírica” (Hora de Aventura, 2013, s4e25), ele compreende o que é uma relação de forma ampla, mas suas ligações com a interpretação de relações sociais estão fragmentadas. Ele abre um diário onde sente cheiro de choro e não compreende o que isso significa, porque pouco antes ele afirma: “— Jay T. Cachorrão sempre diz que as mulheres são atraídas por caras com passados difíceis. E eu tenho um passado difícil. Eu acho” (Hora de Aventura, 2013, s4e25). É justamente o “eu acho” que nos prova que ele não sabe de nada. Na verdade, poderíamos até pensar que há um Simon que ainda quer ver a Marceline, mas isso seria tortura. Simon não queria isso.

Um corpo sem órgãos é um corpo que foge do sistema.²² Se efetivo, é um ganho incrível, um corpo anarquista, um eremita que se sustenta, um corpo sem a necessidade do peso das violências sociais. Mas não é apenas ganho, um CsO falho gera um corpo vazio de expressividade. Pior do que a morte, um corpo nulo. É claro que é fundamental lembrar que estamos falando de corpo não-limite. Como chegar ao

²² Segundo Regina Schöpke, “em outras palavras, e num sentido bem estrito, trata-se da construção de um corpo mais pleno, mais vivo, mais intenso, um corpo de resistência para o desejo e para a própria vida. Só que isso não é possível sem antes desconstruirmos o corpo que foi criado para servir docilmente aos poderes do campo social. Eis por que o CsO aparece em Artaud como uma declaração de guerra: guerra contra os órgãos, guerra contra o corpo ordenado, organizado, guerra, na verdade, contra o organismo em sua disposição e significância social. Trata-se de um ‘grito orgânico’ do homem contra toda transcendência opressora. Trata-se de uma rebelião do próprio ser, que deseja a todo custo libertar a vida que se encontra aprisionada nele” (Schöpke, 2017, p. 287)

limite do limite? A quebra de todos os laços-relações pode ser um caminho. Talvez por isso o Rei Gelado ficcionalize tanto a amizade com Finn e Jake.

Não é tranquilizador, porque você pode falhar. Ou às vezes pode ser aterrorizante, conduzi-lo à morte. Ele é não-desejo, mas também desejo. Não é uma noção, um conceito, mas antes uma prática, um conjunto de práticas. Ao Corpo sem Órgãos não se chega, não se pode chegar, nunca se acaba de chegar a ele, é um limite. Diz-se: que é isto — o CsO — mas já se está sobre ele — arrastando-se como um verme, tateando como um cego ou correndo como um louco, viajante do deserto e nômade da estepe. É sobre ele que dormimos, velamos, que lutamos, lutamos e somos vencidos, que procuramos nosso lugar, que descobrimos nossas felicidades inauditas e nossas quedas fabulosas, que penetramos e somos penetrados, que amamos (Deleuze; Guattari, 1996, p. 8 - 9).

A construção ficcional de Deleuze e Guattari está centrada em um corpo existente, enquanto o corpo do Rei Gelado é um devir em si, um tanto devir-criança e um devir-loucura. Se mesmo a ficção de Deleuze e Guattari tem limite, esse é a barreira além. Não se trata aqui de um esquizo-revolucionário, a priori, Rei Gelado é um corpo incapaz de se compreender ou se projetar como ato. Não deixa de ser, mas, retomo, ele é um esquizo-carnavalizado. Porque ele se constrói a partir de uma anarquia política, quando usa a coroa para lutar contra o fim político do mundo. Para se proteger desse desrizomamento, dessa desterritorialização²³ ele constrói um corpo insano, feito de puro humor e ridicularidade. Nada em Rei Gelado faz sentido, nem mesmo para um esquizofrênico, porque ele é um passo além, ele não construiu um castelo de gelo, ele se formou sobre. Ele antropofagizou o Simon.

Ele é um experimento aos olhos da crítica, porque, sendo ficção diegética, podemos tencionar os limites sem que gere uma ruptura muito abrupta. Ou seja, sem que o CsO falhe e se suicide. A dor de Simon gerou um desejo, porque lá no episódio

²³“Não se pode dizer que o revolucionário seja um esquizo, mas que existe um processo esquizo na medida em que o nomadismo consiste exatamente numa contínua desterritorialização e reterritorialização” (Schöpke, 2017, p. 288)

Evergreen foi verbalizado que a coroa faz o desejo do seu portador.²⁴ Deste modo, podemos interpretar muitas ideias. Primeiro, a coroa tem memória. Segundo, Simon queria proteger sua filha adotiva. Terceiro, Simon queria se salvar. Ele estava desesperado no fim do mundo (literalmente), quem julgaria seu ato de romper laços em prol de viver? O Rei Gelado não é uma falha, é um produto. Simon escolheu ser CsO, porque o sistema é corrosivo. Enquanto Rei Gelado é um bobo da corte, um artista. Ele produz porque ele deseja. O CsO é um corpo de desejo, que às vezes se atormenta pela máquina paranoica.

Acreditamos ser este o sentido do recalçamento dito originário: não um 'contrainvestimento', mas essa repulsão das máquinas desejantes pelo corpo sem órgãos. E é justamente isso que significa a máquina paranoica, a ação invasiva das máquinas desejantes sobre o corpo sem órgãos, e a reação repulsiva do corpo sem órgãos, que as sente globalmente como aparelho de perseguição (Deleuze; Guattari, 2010, p. 21).

Esse conflito é inevitável, pois o CsO, Deleuze e Guattari nos lembram, sempre deve haver algo de organismo. Esse corpo não pode ser totalmente vazio, para que se mantenha significação e interpretação, e também se conserve. Precisa, brevemente, ser sujeito para que se possa defender do Poder (Deleuze; Guattari, 1996, p. 21); isso, é claro, abre espaço para a humanidade. Um CsO pleno é um ser sem a necessidade de Deus, porque ele já se supre. Não há temor e nem fé, porque não há nada. É como o

²⁴ É interessante notar que no episódio *Coroa Quebrada*, e1s8, de 2016, quando Marcy e Princesa Jujuba encontram uma anomalia na coroa, elas utilizam Inteligência Artificial para entrar no mundo da coroa. Lá encontra o pequeno dinossauro Gunther, mas também outras vítimas dessa coroa desterritorializadora, como o Papai Noel. Todos destituídos de sua ordem. "Mas se o CsO já é um limite, o que seria necessário dizer do conjunto de todos os CsO? O problema não é mais aquele do Uno e do Múltiplo, mas o da multiplicidade de fusão, que transborda efetivamente toda oposição do uno e do múltiplo. Multiplicidade formal dos atributos substanciais que constitui como tal a unidade ontológica da substância. Continuum de todos os atributos ou gêneros de intensidade sob uma mesma substância, e continuum das intensidades de um certo gênero sob um mesmo tipo ou atributo. Continuum de todas as substâncias em intensidades, mas também de todas as intensidades em substância. Continuum ininterrupto do CsO. O CsO, imanência, limite imanente. Os drogados, os masoquistas, os esquizofrênicos, os amantes, todos os CsO prestam homenagem a Espinosa. O CsO é o campo de imanência do desejo, o plano de consistência própria do desejo (ali onde o desejo se define como processo de produção, sem referência a qualquer instância exterior, falta que viria torná-lo oco, prazer que viria preenchê-lo)" (Deleuze, 1996, p. 13 - 14) Deste modo, os corpos sem órgãos não são um conjunto no sentido unitário, são uma aglomeração em que os desejos se transpassam e se encontram. Não há espaço para líder ou elevação em corpos que já não têm organização. Elas existem por si, mesmo em conjunto.

Doutor Manhattan, de *Watchmen*, ele (literalmente) perdeu todos os órgãos e se reconstruiu como um corpo infinito. Ele é onisciente, ele é onipresente e ele é onipotente. Para que agir? Deixe que o mundo exploda, porque nada vale. Nada muda.

Rei Gelado não é tão absoluto, na verdade, nesses fragmentos-órgãos que ele reconstrói, ele se vê violentado pelos pequenos poderes que vão sendo refeitos por Ooo. Porque o corpo que foge da norma é violado pelo poder (Berardi; Bertetto; Guattari, 1990, p. 136).

Figura 4 – Finn e Jake vigiando o Rei Gelado – episódio 25, temporada 4



Fonte: Cartoon Network, Warner

Mas então nosso vilão voa (usando sua barba como asas), levando uma bateria e um teclado eletrônico até a caverna de Marceline. Finn e Jake o observam prontos para puni-lo, em uma representação de uma biopolítica.

Marcy estava tocando baixo quando o avista:

— Olá. Alguém em casa? – Rei Gelado.

— Oh, não. – Marceline. (Hora de Aventura, 2013, s4e25)

Obviamente, o sentimento conturbado, pela primeira vez na série, não é uma recusa ou um ódio, mas um medo bem profundo. Marcy já havia perdido Simon uma vez e vê-lo era como sofrer dia após dia e

Toda vez que eu mudo
Você me encontra e fica ao meu redor
Com desculpas idiotas para me ver
Fica tudo pior
Na verdade, estou feliz por te ver
Pode ser que seja eu
A doida (Hora de Aventura, 2013, s4e25).

A música de Marceline é um desespero, porque a gente lembra que não foi só o Simon que se sacrificou. Marcy sofreu tanto. Ela também é um corpo rebelde, um corpo-Anarquia. Talvez por sua origem demoníaca? Talvez por ter se transformado em vampiro? Nada disso, ela é anárquica porque viu muitas pessoas se sacrificarem contra um sistema para que ela vivesse. Essa é a pulsão criativa de Marcy e Simon. Um esquizo é um produtor por excelência, ele produz suas realidades, sua arte. Ele reformula o que não é visível ao normativo, por isso são artistas por natureza. (Deleuze; Guattari, 2010, p. 18)

Marceline pode não ser um CsO, mas é uma máquina desejante, ela é um corpo em produção (Deleuze; Guattari, 2010, p. 20). Ela flerta com o Nada, mas seus laços são muito fortes, seus rizomas não a permitem ser um corpo sem órgãos. Rei Gelado não tem nada a perder, mas ela tem. E é por isso que ela sente medo quando ele volta a encontrar a casa dela. Ela não o quer perder de novo.

Figura 5 – Marceline e Simon – episódio 25, temporada 4



Fonte: Cartoon Network, Warner

O Rei Gelado, enquanto um bufão, segue padrões interessantes como ser desagradável (Elias, 2018, p. 23), mas também subverte os valores instituídos pelo social (Elias, 2018, p. 38). O mundo de Rei Gelado, sendo do Carnaval, é um mundo às avessas. Isso é um incômodo, porque tudo que Marcy precisava era de um pai de verdade. O biológico é um canalha e só a procura quando precisa, e o verdadeiro (Simon) desapareceu na batalha contra o sistema, como a sua mãe também fez.

Deleuze pontua algo essencial para as três músicas desse episódio:

Não se escreve com as próprias neuroses. A neurose, a psicose não são passagens de vida, mas estados em que se cai quando o processo é interrompido, impedido, colmatado. A doença não é processo, mas parada do processo, como no ‘caso Nietzsche’. Por isso o escritor, enquanto tal, não é doente, mas antes médico, médico de si próprio e do mundo. o mundo e o conjunto dos sintomas cuja doença se confunde com o homem (Deleuze, 1997, p. 13).

Por mais tentador que seja pensar essas produções, carregadas de sentimento, como provas de patologia para o Rei Gelado, temos que lembrar que o artista não precisa escrever o que passa em si mesmo e também que Deleuze pontua uma necessidade de uma “clareza” para produzir.

Então, sabemos essa questão. Mas há uma dificuldade logo na primeira música, pois o Rei Gelado vai cantando e cantando, de repente começa a sofrer e a jogar gelo para o alto.

Ooh Jujuba
 Como eu preciso de alguém
 Qualquer pessoa
 Qualquer uma já está bem
 Eu estou tão só
 Meu problema, alguém me diga qual é
 Alguém me diga
 Alguém me diga
 Alguém me diga
 Alguém me diga
 Deus do céu, por favor, me diz por quê? (Hora de Aventura, 2013, s4e25).

Seria esse processo um masoquismo? Onde ele sente prazer em ser violado e por isso se mantém tentando forçar as relações até que Finn e Jake o levem ao prazer violento? Não, não é esse caminho que trilha o Rei Gelado. Ele não sabe o que é uma

relação, não há possibilidade de masoquismo sem compreensão do prazer. Segundo Deleuze (2009, p. 84), o masoquista sente prazer prévio na dor, logo não há possibilidade justamente por sua incompreensão.²⁵ Na verdade, ele possui um papel a desempenhar, como na *Commedia dell'Arte*. Ele sofre, ele apanha, mas isso não parece ser algo muito além. Não neste cenário, pois o Rei Gelado é um esquizo-carnavalizado, afinal. Ele está vivendo um mundo de um “Pierrô apaixonado que vivia só cantando, por causa de uma Colombina acabou chorando, acabou chorando” (Prazeres; Rosa, 1936). Esse processo é sua ficcionalização.

O CsO não é contra os órgãos, é contra o organismo (Deleuze; Guattari, 1996, p. 19). Isto é, o Rei Gelado pode agir como um corpo, mesmo que seja dessa forma estranha e caricata. O que o define foi seu sacrifício pela Marcy contra o sistema, porque é este o inimigo. Haverá sempre um embate no corpo de Rei Gelado, principalmente quando, mais à frente, Betty, a noiva de Simon, tenta ressuscitá-lo. Ela cria um CsO da pior forma possível. Simon, tirado do passado, é um corpo mais vazio do que o Rei Gelado, porque este tem um propósito esquizo-carnavalizante, mas o pobre Simon é um humano perdido no tempo, sem ninguém e com depressão. Seus laços são pequenos, limitando-se quase integralmente a Marceline. Essa guerra com deus é estranha; ora parece agradável e correta, ora parece um inferno. Não há uma resposta muito bem clara de como agir. Cada corpo ficcionaliza sua própria noção de tempo, espaço e esquizofrenia por meio de seus laços e afetos.

Tudo parece ridículo para Marcy. Ela não ia ter Simon e, ela não sabia ainda, mas querê-lo mil anos após sua partida era o ato mais cruel e egoísta que alguém poderia desejar. Aquele bufão em sua frente estava só para machucá-la? É uma dor sem prazer, porque o que dói na morte não é perder, é lembrar. Mas, então, viu as

²⁵ “Theodor Reik mais uma vez analisou bem esse processo: o masoquismo não significa prazer na dor, nem mesmo na punição; no máximo, o masoquista encontra na punição ou na dor um prazer preliminar — mas em seguida ele encontra o seu verdadeiro prazer naquilo que a aplicação da punição torna possível. O masoquista deve sofrer a punição antes de sentir prazer. não se deve confundir essa sucessão temporal com uma causalidade lógica: o sofrimento não é causa do prazer, mas condição prévia indispensável para a vinda do prazer” (Deleuze, 2009, p. 84).

anotações do diário do Rei Gelado, onde encontra um poema-desejo de Simon para a filha.

Marceline
 Somos só eu e você nas ruínas desse mundo
 O sentimento de confusão pode ser profundo
 E eu sei que vai precisar de mim com você
 Mas estou me perdendo e acho que você vai me perder
 A magia me mantém vivo
 Mas também me enlouquece
 E eu tenho que salvar você
 Mas quem é que me salva?
 Me perdoa
 Pelo que eu possa fazer
 Quando não lembrar de você
 Marceline
 Eu estou me sentindo desaparecer
 Eu não me lembro o que me fez te ter
 Mas eu me lembro que te vi nada boa
 Eu juro, não fui eu, foi a coroa
 A magia me mantém vivo
 Mas também me enlouquece
 E eu tenho que salvar você
 Mas quem é que me salva?
 Me perdoa
 Pelo que eu possa fazer
 Quando não lembrar de você (Hora de Aventura, 2013, s4e25)

Havia amor em Rei Gelado, apesar de tudo. Essa foi a mudança do personagem. Não havia como entendê-lo como um personagem vazio. Rei Gelado é o corpo mais complexo de Ooo, pois ele acopla o CsO com a produção desejante (Deleuze; Guattari, 2010, p. 24), formando um corpo estranho, anárquico, mas engraçado e divertido, como um pai bobo.

Se olharmos sem sensibilidade, agiremos com biopolítica e normatização sobre um corpo louco. Não enxergamos Rei Gelado como nada além de um velho maluco e com tendências sexuais estranhas. Ele não é isso. É só um louco. Deixe-nos rir.

O corpo de Rei Gelado nos lembra que é necessário ser imoral. Ser contra os sistemas normativos, todos eles, que nos assujeitam. Que nos organizam e nos descartam como depravados. Que nos impõe significantes como desviantes e que nos

classifica como vagabundos (Deleuze, 1996, p. 20). Nem sempre contra os órgãos, mas sempre contra os organismos.

“Me perdoe pelo que possa fazer / quando não lembrar de você” (Hora de Aventura, 2013, s4e25).

A LOUCURA COMO DEFESA

Ao fim, temos alguns caminhos a compreender. Simon é um corpo morto por um sistema que o devorou; não podemos confundir com o Rei Gelado. A existência de Rei Gelado não é uma falha ou um parasita, mas uma resposta ao sistema. Quando associado ao que Deleuze e Guattari dialogam, podemos enxergar um corpo em proteção; ele não consegue estar no mesmo mundo, ou seja, não gera rizoma, mas ao mesmo tempo é um corpo que sobrevive. Nada o atinge muito profundamente, porque ele está em um estado de defesa. O humor, que Bakhtin teoriza, é o que completa o debate, pois é isso que mantém a força do Rei Gelado para existir. Se não um bufão, será um morto.

A loucura se baseia em um sistema anti-violência e anárquico. De modo que pensar o Rei Gelado ou um louco artista está no mesmo plano; ambos são desestruturadores de sistema. A loucura é o único caminho possível para a vida infinita, mesmo que nunca seja eterna. Felizmente, sempre em revolução.

Deste modo, analisamos o corpo louco por meio do personagem Simon/Rei Gelado e sua relação com a filha adotiva Marceline, ambos do desenho animado Hora de Aventura. Utilizamos de teóricos e romancistas voltados ao conceito social do que se trata a loucura e suas formas de ler, fugindo da visão patologizadora e estigmatizadora que carrega a história da loucura. E o que compreendemos é a relação combativa deste corpo louco, muito além do pensamento reducionista de que é um corpo perdido ou sem caminho. Este é o antipoder do Rei Gelado: estar sempre em conflito e desconsertar as diretrizes do Sistema em que está inserido.

REFERÊNCIAS

ARTAUD, Antonin. **Escritos de Antonin Artaud**. Organização, tradução e notas Claudio Willer. 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 2019. E-book

ARTAUD, Antonin. **Antonin Artaud**: Carta aos Médicos-chefes dos Manicômios (1925). 2015Disponível em: <https://redehumanizaus.net/89562-antonin-artaud-carta-aos-medicos-chefes-dos-manicomios-1925/>. Acesso em: 29 nov. 2024.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na idade média e no renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec; Brasília: EdUnB, 1996. E-book

BERARDI, Franco "Bifo"; BERTETTO, Paolo; GUATTARI, Félix. **Desejo e Revolução**. Org. Vladimir Moreira Lima. Trad. Vladimir Moreira Lima. São Paulo: Sobinfluência Edições, 2022. E-book

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia, vol. 3. tradução de Aurélio Guerra Neto. Rio de Janeiro : Ed. 34, 1996. E-book.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. Tradução de Peter Pál Pelbart. - São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Sacher-Masoch**: o frio e o cruel. São Paulo: Zahar, 2009. E-book

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia; tradução de Luiz B. L. Orlandi. 4.ed. São Paulo: Ed. 34, 2010. E-book.

ELIAS, Joaquim. **No encalço do bufão**. Belo Horizonte: Javali, 2018.

ERASMO de Rotterdam. **Elogio da Loucura** (Encomium Moriae). Tradução de Paulo M. Oliveira. Atena Editora, 2002. E-book

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução de Mathias Lambert. 2004, p. 5 - 124. Disponível em: <https://www.mprj.mp.br/documents/20184/151138/goffman,erving.estigma—notassobremanipulacaodaidentidadedeteriorada.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2025.

HORA DE AVENTURA. Adventure Time. Criado por Pendleton Ward. Produção: Frederator Studios, Cartoon Network Studios. Burbank: Cartoon Network, 2010-2018.

LAING, Ronald David. **O eu dividido**: estudo existencial da sanidade e da loucura. Trad. Áurea Brito Weisseberg. Petrópolis: Vozes, 1973.

LAING, Ronald David. **The divided self**. London: Penguin Books, 1990. E-book

MOL, Tine de. **Strange characters and wondrous wordplay**: Mikhail Bakhtin's theory of the carnival-grotesque in Roald Dahl's work for children. 2005. 88 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Literatura) – Universiteit Antwerpen, Antwerpen, 2005. E-book

MONTERO, Rosa. **O perigo de estar lúcida** [recurso eletrônico]; tradução de Mariana Sanchez. São Paulo : Todavia, 2023. E-book

NOFFKE, Ana Carolina. **Devir-criança na filosofia-sintetizador de Deleuze e Guattari**. 2019. 171 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2019.

PRAZERES, Heitor dos. ROSA, Noel. **Pierrot apaixonado**. Composição de Noel Rosa. 1936.

RESENDE, Catarina. "A escrita de um corpo sem órgãos". **Fractal Revista de Psicologia**, v. 20 – n. 1. p. 65-76, jan./jun. 2008.

SCHÖPKE, Regina. Corpo sem órgãos e a produção da singularidade: a construção da máquina de guerra nômade. **Revista de Filosofia Aurora (PUCPR)**, Curitiba, v. 29, n. 46, p. 285-305, jan./abr. 2017. Doi: <https://doi.org/10.7213/1980-5934.29.046.AO01>.

UZÊDA, André Luis Mourão de. **Crônicas da melanco-folia**. 2013. 128 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Departamento de Ciência da Literatura, Rio de Janeiro, 2013.